

MAIS HUMANO: COMO NASCE UMA EXPOSIÇÃO E UM CENTRO DE ARTE EDUCAÇÃO

Francine Goudel
Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação

No dia 30 de julho de 2022, no bairro de Coqueiros em Florianópolis, SC, o Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação abriu suas portas. Com ênfase no trabalho educativo em artes visuais, a entidade privada, sem fins lucrativos, nasce comprometida com a tarefa de conservação e difusão da Coleção Collaço Paulo, um patrimônio significativo para a memória de Santa Catarina e do Brasil. O acervo particular de Jeanine e Marcelo Collaço Paulo, constituído ao longo de mais de 40 anos, compreende trabalhos de distintos contextos históricos, diferentes escolas, movimentos e estilos, concentrando representatividade nos artistas brasileiros do século 19 e dos catarinenses do século 20. Através da coleção, o Instituto Collaço Paulo promove exposições e propostas curatoriais que articulam uma série de atividades que ativam o seu plano educativo, como visitas mediadas, formação com professores, cursos, entrevistas, palestras, entre outras ações. A programação de livre acesso se dá de forma física, em sua sede, de forma online, em suas plataformas e redes sociais, e ainda por meio de parcerias com outras instituições e espaços expositivos.

Entendendo as mostras de arte como um dos pilares constitutivos para o núcleo educativo, o Instituto Collaço Paulo inaugura com a exposição “Mais Humano: Arte no Brasil de 1850 – 1930” que reúne 70 telas e duas esculturas de 34 artistas brasileiros e estrangeiros radicados ou com produção no país, oriundas das concepções acadêmicas de arte e do princípio das ideias do modernismo no Brasil. A seleção representa um pequeno recorte da Coleção Collaço Paulo e tem como missão mostrar para o contexto expositivo de Santa Catarina, em uma perspectiva didática, um olhar sobre a produção deste período. Neste sentido, o trajeto pensado para ser percorrido no espaço expositivo foi construído em eixos de exploração, aglutinando as obras em salas coloridas que apresentam o modo de produção de uma época – os gêneros artísticos. Os ambientes ganham títulos que possibilitam leituras em seu conjunto, permitem ver o caráter contextual, mas sobretudo provocam uma mirada afim à contemporaneidade, permitindo pensar no tempo presente e em especial sobre a condição humana. Os aspectos “mais humanos” tangenciam as perspectivas de surgimento da exposição e do Centro de Arte Educação, tanto na busca por maneiras de se gerar ações de acesso aos bens culturais constituintes da coleção, como na amplitude educativa das discussões de uma proposta curatorial.

Este relato pretende apresentar como foi constituído o pensamento de nascimento do Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte e Educação e sua primeira exposição, “Mais Humano: Arte no Brasil de 1850 – 1930”, com objetivo de informar e constituir memória sobre as ações, mas também de indicar caminhos interessantes para pensar sobre os temas que envolvem esse tipo de criação.

Ao intitular o relato com uma pergunta: “Como nasce uma exposição e um Centro de Arte e Educação?” obteríamos respostas de inúmeras ordens. De forma ampla poderíamos responder que as exposições ou os projetos de arte educação nascem de distintas maneiras e funções, no entanto, duas delas são fundamentais para falarmos sobre essa gênese: a importância do âmbito social e a indissociação do fator educativo.

Na criação de projetos expositivos e educativos em arte, por mais grandes ou pequenas que sejam as pretensões, um ponto certo será sempre comum a todas as iniciativas: tanto uma exposição quanto um projeto de arte educação são propostas que se aplicam a um âmbito social, isto é, são ações que visam uma interlocução com o coletivo. Uma mostra nasce marcada por este traço comum, é o desejo de um artista, um organizador, um curador, um colecionador ou uma instituição de ser um local onde a reunião dos objetos postos ali possam ser apreciados por um grupo de pessoas. A exposição, como um dos pilares fundamentais do sistema de arte - que coloca em circulação a produção artística - é o âmbito pela qual se exerce o movimento do privado ao público, transportando as ideias dos ateliês e das reservas técnicas das coleções para uma espécie de palco a ser discutido por todos. Dessa forma, pode-se afirmar que se trata de uma proposta social, que nasce com o desejo de ganhar um espaço no olhar do outro e na discussão de uma sociedade. Não longe dessa lógica passaria o nascimento de um Centro de Arte e Educação, na medida em que se constitui como um espaço propositivo que, além de colocar em interlocução o objeto artístico, tem como finalidade a oferta educativa.

Exposições e Centros de Arte Educação indiscutivelmente ativam o âmbito social e, com precisão afirmativa, são indissociáveis do fator educativo. Quando se isola uma obra de arte e se busca decifrar a sua individualidade, entende-se que uma produção artística é resultado de um pensamento elaborado de um artista diante de seu mundo. Há na obra uma elaboração matérica, uma criação estética, e igualmente encontra-se nesta produção um entendimento da subjetividade de um sujeito diante de uma realidade. Se de forma abrangente e generalista afirmássemos que, toda obra de arte tem como objetivo o desejo de ser vista, sentida, elaborada, apreciada – e aqui caberiam muitos sinônimos para as experiências diante da obra de arte – uma exposição quando organizada, se configura ao mesmo tempo como um elemento que abarca todos esses fatores: é um agrupamento de pensamentos, um recorte de uma ideia de mundo, um traço de um período histórico, um perfil de um tema, organizados de forma espacial, de maneira com que fisicamente haja um espaço para discutir determinados assuntos e abordagens que provém da obra individualmente e no seu conjunto proposto.

Ernst Gombrich (1909-2001), historiador de arte do século 20, celebrado pela teoria, tem uma afirmação bastante pertinente para avançarmos na consciência sobre o tema: “(...) *a história da arte, em seu todo, não é uma história de progresso na proficiência técnica, mas uma história de ideias, concepções e necessidades em*

*permanente evolução*¹. Em outras palavras, Gombrich destaca a importância de apreendermos que a arte não seria tanto sobre o entendimento do progresso das técnicas artísticas, das maneiras de se fazer, representar ou materializar objetos, mas sim, responderia mais sobre um progresso das ideias, das concepções de criação, dos conceitos de mundo que estão em permanente evolução. A definição, de que a história da arte está muito mais conectada com a evolução das ideias, permite pensar que a exposição é o ensejo propositivo de um espaço de reflexão, indiferentemente do tempo que exerce, pois, atua como o local da possibilidade da percepção do passado no presente, do presente no presente, com o desejo de que a partir da visita, da experiência de estar diante da obra de arte, se pense futuros, abre-se um caminho para novas concepções.

Esse local condutor do progresso das ideias é o ponto estruturante do nascimento do Instituto Collaço Paulo – Centro de Arte Educação, na medida em que se entende que neste ambiente a curadoria e a proposta educativa devem sempre caminhar juntas e ser o ensejo para motivar reflexões e conhecimentos. E para as mostras e ações educativas acontecerem, a coleção estrutura os pensamentos.

A Coleção Collaço Paulo se estabeleceu a partir das predileções do casal de colecionadores, Jeanine e Marcelo Collaço Paulo, que no começo da década de 1980, muito motivados pelo contato com os artistas de Santa Catarina, começam a adquirir obras. Naturalmente o acervo engloba um conjunto expressivo de obras de artistas com produção no Estado, compreendendo peças de Hassis (1926-2001), Elke Hering (1940-1994), Malinverni Filho (1913-1971), Rodrigo de Haro (1939-2021), Pedro Paulo Vecchietti (1933-1993), Fernando Lindote, Eli Heil (1929-2017), Silvio Pléticos (1924-2020), Meyer Filho (1919-1991), Valda Costa (1951-1993), Martinho de Haro (1907-1885), entre outros, modernistas e contemporâneos. A coleção concentra ainda uma forte representatividade em obras de artistas brasileiros e estrangeiros, do entre século 19 e 20, destacando nomes como Pedro Américo (1843-1905), Victor Meirelles (1832-1903), Eliseu Visconti (1866-1944), Georgina Albuquerque (1885-1962), Henrique Bernardelli (1858-1936), Belmiro de Almeida (1858-1935), Pedro Weingärtner (1853-1929), Rodolfo Amoedo (1857-1941), entre outros que integram a exposição inaugural do Instituto Collaço Paulo.

O acervo que constitui a Coleção Collaço Paulo abarca, ao mesmo tempo, peças de distintos movimentos, escolas e períodos, como pinturas flamengas, da Escola de Cuzco, peças de arte sacra, do barroco europeu, do modernismo brasileiro, entre outras proposições que vão desde o século 15 ao 21. A amplitude cronológica e estilística da coleção soma-se à diversidade de suportes e linguagens que passam pela pintura, escultura, desenho e objeto. Para o trabalho da curadoria a coleção instrumenta um arsenal infinito de possibilidades combinatórias, tanto em propostas expográficas como em discussões suscitadas pela história da arte.

¹ GOMBRICH, E.H. A História da Arte. Rio de Janeiro: LTC, 2008. p. 44.

No histórico do movimento privado para o público, a exposição “Mais Humano: Arte no Brasil de 1850 – 1930”, com curadoria de Francine Goudel, não se configura como a primeira dinâmica de circulação do acervo. O acervo vem, desde 2006, ajudando a adensar as propostas curatoriais de diferentes projetos em todo Brasil. Telas de Eduardo Dias (1872–1945) e Pedro Weingärtner participaram da exposição “Iconografia 344” (2017), com curadoria de Ylmar Corrêa Neto, na Fundação Cultural Badesc, em Florianópolis, SC, e obras de Eliseu Visconti e Ismael Nery (1900-1934) integraram as mostras “Eliseu Visconti 150 anos” (2016), curadoria de Denise Mattar, realizada na Galeria Almeida e Dale, em São Paulo, e “Ismael Nery: Feminino e Masculino” (2018), curadoria de Paulo Sergio Duarte, no Museu de Arte Moderna, em São Paulo. Em 2017, a exposição “Sensos e Sentidos”, com curadoria de Josué Mattos, reuniu 117 obras da coleção, entre pinturas, esculturas e desenhos, no Museu de Arte de Santa Catarina, em Florianópolis, SC. Na vertente do movimento público, o acervo também esteve à disposição de estudos e publicações. Em 2006 o Museu Victor Meirelles publicou o catálogo da exposição “Victor Meirelles – Estudos de Trajes Italianos”, contendo imagens de seu acervo, da Coleção Collaço Paulo e textos sobre as obras, escritos por Lourdes Rosetto, Charles Narloch, Raul Antelo e Fernando Lindote.

Apesar dessas colaborações e aparições públicas, a Coleção Collaço Paulo se constitui como um projeto particular, desenvolve o caráter de um acervo privado, em que seu catálogo e reserva técnica não estão disponíveis para acesso público imediato. As articulações em torno do acervo se situam de maneira distinta aos padrões de acessibilidade de uma coleção pública, o que, ao mesmo tempo, dispõe novas camadas de entendimento ao sistema de arte em Santa Catarina, dado que o Estado tem pouca articulação com iniciativas privadas. No entanto, é interessante pensar que a Coleção Collaço Paulo, na medida em que foi colaborando com a consistência dos projetos curatoriais, proporcionou abordagens sociais ao acervo e abasteceu pouco a pouco o desejo de torná-la um meio condutor para ações educativas - o que culmina na real elaboração do projeto do Instituto Collaço Paulo, durante os anos de 2020 e 2021.

Em abril de 2021, convidada para assumir o cargo de curadora-chefe por Marcelo Collaço Paulo, colaboro na elaboração de criação do instituto fundado um ano e três meses após o convite. Em meio a uma pandemia global, o desenvolvimento do projeto foi organizado praticamente de maneira virtual. Muitas vídeo-chamadas foram concebidas no intuito de elaborar e entender os desejos do casal de colecionadores, os objetivos institucionais e o alcance da coleção. Em paralelo, ia-se estruturando uma reforma na edificação que sedia a instituição hoje, uma antiga moradia de propriedade da família Collaço Paulo que, após ampla reforma, dispõe de 100 m² de espaço para mostras, um ambiente receptivo e um núcleo para atividades de arte educação.

Um dos relatos dos visitantes, escutado com frequência e que de certa forma já fazia parte dos ideais do casal de colecionadores, é a máxima: “Parece que estamos em uma sala de casa”. Essa percepção se dá pelo fato de o espaço expositivo ser um local mais intimista, onde as obras estão muito próximas do espectador, o que provavelmente desperte a sensação de não estar em um espaço expositivo. Também atribuímos a esses relatos outro fator, o de que as cores escolhidas para as paredes dos eixos de exploração da exposição inaugural colaboram para uma aclimação do público, desconfiguram o caráter asséptico de muitos museus ou galerias. De fato, as salas expositivas do Instituto Collaço Paulo alcançam intimismo uma vez que o processo de transformação da edificação atende ao intuito da família de realizar um ambiente de extensão da sala de casa. Além do espaço expositivo foram projetados também um ambiente de convivência externo, um jardim na frente, com bancos e bicicletário, e um pátio atrás, bem como uma sala bastante ampla chamada de *Ateliê de Imersão*, que serve ao núcleo educativo.

No percurso de estruturação física e conceitual uma equipe se estabeleceu no Instituto Collaço Paulo. O corpo coletivo de trabalho atualmente é constituído por: Marcelo Collaço Paulo como diretor-presidente da instituição, Jeanine Gondin Paulo como vice-presidente, Francine Goudel como curadora-chefe, Cristina Maria Dalla Nora como museóloga – que atende e cuida da Coleção Collaço Paulo desde 2017 -, Néri Pedroso, assume a produção de conteúdo e assessoria de imprensa, Joana Amarante é coordenadora do núcleo educativo, Júlia Bayer Heidmann e Eduardo Tavares de Miranda Costa compõem o atendimento ao público e recepção, Adriano Lessa auxilia nos serviços gerais e Ana Martins desenvolve um estágio no núcleo educativo. Neste processo de estruturação muitos outros profissionais auxiliaram e conceberam as visões desta instituição, como os conselheiros: Ylmar Corrêa Neto, Sandra Makowiecky, Diocele Palma; Flávio José Brunetto no auxílio da montagem de exposição, Lorena Galery na confecção dos materiais gráficos, Ricardo Prisco na criação da marca e site, Inara Rodrigues nas concepções de arquitetura, Sara Beatriz Fermiano, na restauração e conservação das obras e Julia Rocha, na consultoria e construção do Plano Educativo. Cabe citar ainda: Christian Fogaça no apoio técnico, Gisele Dal-Bóe e Raquel Paulo de Souto Gourlart, no administrativo, Lauro de Albuquerque Bello Netto no jurídico e no apoio logístico estão: Valmir Tidres, Waldir José Schneider, Renato Elizeu da Silva e Francisco Barbosa de Araújo. Importante destacar os nomes dos profissionais e registrar neste relato um agradecimento por todo empenho de uma grande equipe, pois uma exposição e um Centro de Arte Educação nascem do trabalho de um coletivo para o proveito de muitos coletivos.

Em julho de 2022 nasce o Instituto Collaço Paulo, uma entidade privada, sem fins lucrativos, onde toda programação é gratuita. A sede oferece total acessibilidade física e busca-se construir caminhos para que muito em breve as ações e materiais educativos tenham acesso inclusivo em todos os sentidos. Essa construção se alinha aos objetivos do instituto, de maneira que a promoção da arte e da

cultura através de ações educativas possam ser um instrumento que toque um público abrangente. A intenção é desenvolver um equipamento cultural que proporcione um ambiente de experiência, estudo e conhecimento para pessoas de diferentes procedências, classes, faixas etárias, com distintos interesses.

No desejo de alcançar o que se almeja, uma política e um Plano Educativo foram construídos para estruturar e habilitar as ações. De um trabalho conjunto, desenvolvido pela curadora-chefe, pela coordenadora do núcleo educativo, conduzido pela pesquisadora Julia Rocha, doutora em educação artística pela Universidade do Porto, Portugal, a política e Plano Educativo do Instituto Collaço Paulo regem a dimensão pública da instituição, tanto da interlocução com o público escolar como com a comunidade visitante.

Inicialmente o núcleo educativo é pensado como um setor que cria um elo com a educação básica, com os professores da rede pública e privada e seus estudantes, mas igualmente estrutura e considera a parceria com o um espaço não formal de educação, com perspectivas de inclusão cultural, com público visitante espontâneo. Os princípios norteadores do núcleo educativo estão, dessa forma, balizados na dimensão pública e educativa da arte, no fomento das ações de formação que estejam afinadas aos interesses dos visitantes e possam ampliar as discussões sobre arte, ou como escreve Julia Rocha na política educativa do instituto: *“Um espaço de profusão que esteja além da dimensão expositiva, articulando o Instituto Collaço Paulo como um lugar de encontro e diálogo com a produção artística e cultural local, nacional e internacional.”*²

O núcleo educativo do Instituto Collaço Paulo está estruturado em sete eixos de atuação e em torno destes envolvemos a participação do público, fazendo uma espécie de “ação de formação continuada”. Para o desenvolvimento das ações adotamos uma série de recursos, de jogos e propostas lúdicas, de diálogos, reflexões e encontros que podem ocorrer em diferentes ambientes da casa.

O primeiro eixo destaca as *visitas educativas* (1). Basicamente são visitas de público acompanhadas por um arte educador em que se desenvolve a prática da mediação. Para adensar a qualidade da reflexão e diálogo das visitas, oferecemos distintos *percursos de visitas* (2) e *práticas imersivas* (3). Pensados em consonância com a proposta curatorial vigente, a cada exposição são elaborados recortes temáticos propostos pelo núcleo educativo desenvolvidos para diferentes faixas etárias e para distintos interesses de grupos participantes. As visitas e percursos são feitos na exposição e as práticas imersivas podem ser desenvolvidas tanto no espaço expositivo quanto no *Ateliê de Imersão*. A cada projeto expositivo se desenvolve também um *material educativo* (4) voltado para professores, educadores e pesquisadores. São materiais que estimulam a leitura de imagens de algumas obras, como forma de ampliar os repertórios em arte, discutidos pelas mostras. Seguindo a ideia de auxiliar a propagação de conhecimento, desenvolvemos também *encontros de formação com professores* (5), como uma forma de proporcionar mais

² ROCHA, J. Política Educativa do instituto Collaço Paulo. 2022.

instrumentos para sala de aula e intencionar posteriormente a visitação de grupos escolares. Nos fins de semana temos os *Sábados com Arte* (6), eixo de atuação pensado como um momento de encontro intergeracional, para famílias nas suas mais diversas formas – crianças acompanhadas de seus responsáveis –, onde possam no lazer participar de uma ação educativa na cidade. E, por fim, os *programas públicos* (7) findam os eixos de atuação do núcleo, com objetivo de amplificar a dimensão educativa e tocar outras esferas, instituições, pesquisadores, além de criar material de documentação e estudo. O sétimo eixo funciona como uma espécie de guarda-chuva, no qual ramificam-se uma série de projetos e ações.

Atualmente desenvolvemos dentro dos *programas públicos* o Instituto Conversa, que se articula como um debate, no encontro de um pesquisador com o público; o Instituto Estuda, que propõe cursos de teoria das artes; o Instituto Homenagem, que se constitui como espaço para enaltecer, postumamente, o trabalho de uma personalidade pública com destacada atuação no fomento das artes visuais; o Instituto Entrevista, pensado para ser publicado em distintos formatos como texto, vídeo ou áudio, com objetivo de construir material referencial e de memória; e o Clube de Colecionadores de Arte de Coqueiros (CCAC), lançado no dia 8 de dezembro de 2022, com objetivo de atrair pessoas interessadas ou envolvidas com coleções de arte. Toda essa estrutura apresentada demarca o modo de surgir e operar do Instituto Collaço Paulo - Centro de Arte e Educação. Mas, ainda é preciso apresentar o fator que inaugura a visita a este espaço a exposição: “Mais Humano: Arte no Brasil de 1850-1930”.

Desde o começo do planejamento desse espaço expositivo, sabíamos que a inauguração deveria conter um recorte significativo das obras da Coleção Collaço Paulo, compreendendo os séculos 19 e 20. Nesse processo de concepção da expografia – termo que utilizamos para chamar o desenho da exposição – ocorreram diversas definições e redefinições para tentar abranger o maior número de obras do período. O primeiro caminho a nortear o processo de criação demarcou que seria uma grande mostra de produções de artistas brasileiros e estrangeiros radicados ou com produção no país, oriundas das concepções acadêmicas de arte e do princípio das ideias do modernismo no Brasil. Dessa forma, o disparo construtivo da curadoria tinha de antemão uma grande seleção de trabalhos do entre século que deveriam estar incluídas. Em razão desse desejo a expografia se configura de forma adensada, as obras estão próximas umas das outras e há uma composição na parede pensada para aglutinar muitas imagens.

Seguindo os disparos construtivos outro ponto importante do processo de nascimento desta exposição parte da ideia de que seria a primeira reunião de obras da coleção em sua própria sede, o que funcionaria como uma espécie de *debut* da instituição e era imprescindível tornar evidente o propósito do espaço. Isto faz com que a curadoria assumira o DNA do instituto e que a exposição proposta coloque ênfase no objetivo didático e principalmente a finalidade de tocar uma amplitude de público. Nesta lógica leva-se em consideração o entendimento de que poderia ser a primeira experiência para muitas

pessoas na cidade – sobretudo para os grupos escolares – de estar diante de uma obra desse período pela primeira vez.

No desejo de suscitar um olhar atento, assumindo um caráter didático, criam-se núcleos focais dentro da exposição chamados como *eixos de exploração*. *Eixo* aqui parte da ideia de ser um local de conjunto e *exploração* no sentido da jornada a se fazer no espaço, das descobertas do olhar na visita. Esses eixos estão associados às cores das paredes, que em cada ambiente aglutina as obras por gêneros artísticos – que é um caráter da produção da arte clássica, o modo como os artistas do período aprendiam e confeccionavam as telas. Nos ambientes de exploração as imagens são aproximadas, há na expografia uma proposta compositiva que objetiva facilitar uma entrada na leitura dos trabalhos, que ganha mais propriedade através dos títulos poéticos dos eixos, esboçados em pequenos textos de parede, que tentam gerar um panorama das feições e possíveis abordagens reflexivas, tanto da obra, do conjunto, quanto na contemporaneidade.

A primeira sala, em tom amarelado, abriga o eixo “Personas & Personagens”, se trata de um mosaico de retratos do gênero, que estão dispostos em pequenas e grandes formatos. O texto faz uma provocação ao público para pensar tanto nas “personas”, de retratos de figuras identificadas, como o de Louise (1882-1954), mulher do artista Visconti ou para imaginar “personagens”. Quem seria a suposta menina espanhola de 1600, de Pedro Américo? Na sala rosa está o eixo “Alegorias do Sensível – Nueza e Nudez”, que agrupa os modos de representar corpos nus de homens e mulheres. A provocação do eixo passa pela “nudez” das constituições físicas, em uma aproximação do real, e da “nueza” dos corpos como forma de representar o simbólico e o imaginado. Na sala “Costumário”, com paredes em tom azul claro, estão as cenas de gênero, ou de costumes como chamam. O “Costumário”, como um ideário de costumes, tende a uma aproximação com as imagens do cotidiano dos séculos 19 e 20, com registros do habitual, mas também com registros factuais e complexidades visuais de cenas nada comuns, que suscitam questionamentos, como ofertam as obras do Weingärtner e de Sebastião Vieira Fernandes (1866-1943). “Ainda-vive”, é o título dado ao eixo de uma parede em cinza claro, onde encontram-se duas obras do gênero de Natureza-morta. Trata-se de uma brincadeira com o título para pensarmos o gênero de pintura como algo ainda vivo, resultado de uma existência humana. Na sala verde estão as cenas de paisagens, onde propusemos ao público “Demorar no horizonte”. Apesar de não configurarem literalmente a figura humana, as paisagens são articuladas aqui através de uma relação dos verbos “demorar” e “morar”, onde a figura do artista, como habitante e observador dessas naturezas inflexionam as ações junto com os espectadores.

Por fim, que também é o começo da exposição, a sala azul escuro, ainda na recepção do Instituto Collaço Paulo, é o local que aclimata entrada e saída. Somos recepcionados por Pedro Américo e Victor Meirelles, dois grandes nomes da produção artística do século 19. Entramos no espaço expositivo

através de um corredor com cenas de crianças, o princípio das questões mais humanas. A direita as crianças em retrato conduzem à sala amarela dos retratos e a esquerda as crianças na paisagem levam à sala verde das paisagens - ou nos trazem de volta. Na saída do espaço expositivo, de frente para recepção, encontramos duas obras significativas de Visconti, o artista consagrado do princípio do século 20. “Raios de Sol” (1935) é a obra mais recente do período que abarca a exposição, em outras palavras, finda o período no percurso, e já a obra “A Visita” (1927) representa o abraço caloroso de um visitante na saída de casa e amistosamente parece dizer: “Volte sempre!”.

Todo percurso expositivo é um desejo de reflexão sobre a questão da humanidade, de forma leve, em aproximação de imagens, organizadas diante de um recorte da coleção. Obviamente que as obras do período determinado pela mostra passam por momentos históricos significativos. No texto de abertura destaque, no contexto das obras, a influência dos cânones da época, instaurados a partir de 1816, com a Academia Imperial de Belas Artes do Rio de Janeiro, o começo das Exposições Gerais em 1840 e as premiações que garantem as viagens à Europa e possibilitam a absorção das vanguardas artísticas até a década de 1920. E também o testemunho de conflitos, das “revoltas” da época, que vão desde a monarquia e uma colônia independente proclamada em 1822, a um projeto abolicionista e de instauração da República na década de 1880. No entanto, o caminho expositivo não é concebido para destacar a narrativa histórica. Os enredos contextuais e outras narrativas, que problematizam por exemplo os apagamentos históricos e as novas abordagens, o núcleo educativo conduz em suas ações através dos percursos da mediação e no diálogo com o público.

Como está articulada, a exposição responderia mais sobre os objetivos educativos e da potência de cada imagem, sobre como podemos apresentar leituras de entrada para o público e como apresentamos a instituição nesse começo. A exposição tenta se acercar das sensibilidades da arte, pelas quais é possível, a partir da imagem, pensar sobre uma história, um método e muitos enredos existenciais e artísticos. A humanidade literal pode ser encontrada em quase todas as cenas dispostas, na figuração das pessoas, na captura das expressões, nas vestimentas, mas também, o humano está presente nas pistas imagéticas, na humanidade dos artistas, por meio de suas biografias e fotos dispostas pelas paredes, no imaginário de um contexto, na própria entoação do visitante.

Como descrito no texto de apresentação da mostra, *“MAIS HUMANO deseja ser um substrato para pessoas com ou sem qualquer bagagem, interessadas nos caminhos da arte nos quais seja possível exercer um olhar atento que ajude a instaurar novos sentidos”*. Trata-se, portanto, de um desafio e também do propósito da exposição, de permitir que a jornada de cada visitante seja uma grandiosa façanha. É dessa forma que entendemos o nascimento de uma exposição e um Centro de Arte e Educação, no intuito de tocar o âmbito social, instrumentar pensamentos, elaborar um substrato pelo qual pode-se transitar, imaginar e interrogar mundos possíveis.